

## COMUNICAR-ME, O SENTIDO DE TUDO: AS RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, RELIGIOSIDADE E POLÍTICA EM CORRESPONDÊNCIA ENTRE VILÉM FLUSSER E JOSÉ BUENO, ENTRE 1971 E 1974

*Comunicar, el significado de todo: las relaciones entre comunicación, religiosidad y política en correspondencia entre Vilém Flusser y José Bueno, entre 1971 y 1974*

*Communicating, the meaning of everything: the relations between communication, religiosity and politics in correspondence between Vilém Flusser and José Bueno, between 1971 and 1974*

**\_TIAGO DA MOTA E SILVA  
\_GUSTAVO RACY**

Foto: Racta

### SOBRE OS AUTORES >

#### TIAGO DA MOTA E SILVA >

Doutorando e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor na Faculdade Cásper Líbero, onde leciona as disciplinas de Teorias da Comunicação e Jornalismo, Cidadania e Ação Social. Também é pesquisador do Arquivo Flusser São Paulo.

#### GUSTAVO RACY >

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Membro do Visual and Digital Cultures Research Center (ViDi - Universidade da Antuérpia); da European Association of Social Anthropologists (EASA); e pesquisador do Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional (NACI-PUC-SP).

### RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

O presente trabalho faz uma curadoria da correspondência inédita entre o filósofo Vilém Flusser e seu amigo, o advogado José Bueno, presente no Arquivo Vilém Flusser de São Paulo. O trabalho se pauta no comentário sobre cartas trocadas entre os dois de 1971 a 1974, nas quais Flusser comenta acontecimentos políticos da época e elucida seus posicionamentos e pontos de vista sobre estes. Possibilitando traçar um perfil político de Flusser, constata-se por meio da correspondência como, para o pensador, questões políticas são problemas eminentemente comunicacionais.

Palavras-chave: Vilém Flusser. José Bueno. Comunicologia. Bodenlos. Política na década de 70.

Resumen: El presente trabajo cura la correspondencia sin precedentes entre el filósofo Vilém Flusser y su amigo, el abogado José Bueno, presente en el Archivo Vilém Flusser en São Paulo. El trabajo se basa en el comentario sobre las cartas intercambiadas entre los dos de 1971 a 1974, en el que Flusser comenta sobre los acontecimientos políticos de la época y aclara sus posiciones y puntos de vista sobre estos. Al hacer posible trazar un perfil político de Flusser, se puede ver a través de la correspondencia cómo, para el pensador, los problemas políticos son eminentemente problemas de comunicación.

Palabras clave: Vilém Flusser. José Bueno. Comunicologia. Bodenlos. Política en los años 70

Abstract: The present work curates the correspondence between the philosopher Vilém Flusser and his friend, lawyer José Bueno, present at the Vilém Flusser Archive in São Paulo. The work is based on the commentary on letters exchanged between the two from 1971 to 1974, in which Flusser comments on political events of the time and clarifies his positions and points of view on them. Making it possible to draw a political profile of Flusser, this correspondence elucidates how, for the thinker, political issues are eminently communicational problems.

Keywords: Vilém Flusser. José Bueno. Communicology. Bodenlos. Politics in the 70s.

# COMUNICAR-ME, O SENTIDO DE TUDO: AS RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, RELIGIOSIDADE E POLÍTICA EM CORRESPONDÊNCIA ENTRE VILÉM FLUSSER E JOSÉ BUENO, ENTRE 1971 E 1974

## INTRODUÇÃO: AOS ESTIMADOS AMIGOS

Dentre as pessoas que circulavam pelas redondezas do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), José Bueno foi um daqueles que teve com Vilém Flusser relação de mais próxima amizade. Prova disso é a extensa correspondência que trocaram, intensificando-se no período em que Flusser voltou a viver na Europa, a partir de 1972. Para além das questões pessoais, ambos demonstravam efusivo prazer em discutir os acontecimentos políticos e econômicos aos quais foram contemporâneos e suas visões de mundo. Por esse motivo mesmo, essa troca de cartas se mostra tão valiosa: são raros registros de Flusser discutindo sobre questões recorrentes no noticiário do início dos anos 1970, como Watergate, Crise do Petróleo, a posição do Brasil na política internacional, a economia global e os efeitos degradantes da já pungente sociedade consumo.

José Bueno viveu discretamente. Em Bodenlos, Flusser o descreve como:

Representante nobre do latifundiário decadente, com cultura enciclopédica, gosto refinado, normas de retidão e de comportamento ético e estético sofisticadamente elaboradas, visão desapontada e por isto desideologizada da cena da atualidade. (Flusser, 2007a, p. 163)

Bueno foi advogado, amigo de algumas figuras do IBF, como Milton Vargas, e colecionador de arte. De uma forte moral católica, Bueno tinha a tendência de pensar o mundo a partir do deslocamento da centralidade da fé cristã na construção de certos valores coletivos. Por isso mesmo, as discussões entre os dois sobre política envolvia também uma discussão, de fundo, sobre religiosidade. No mais, José pertencia a um Brasil rural e religioso, mas vivia em um Brasil urbano, em uma São Paulo industrial e consumista. O próprio Flusser expressa esse deslocamento: “José vive num ‘Brasil’ no qual não apenas não reconhece o Brasil que lhe é fundamento, mas nem sequer reconhece o seu ‘Brasil’ como fundamento do novo. É desterrado em sua própria terra” (Flusser, 2007a, p. 163). No perfil que fez do amigo em sua autobiografia, Flusser descreve da seguinte maneira o seu desencantamento:

A decadência da realidade é vivenciada por José como morte de Deus. Tal morte se manifesta em vários níveis. [...] A nível de política, se manifesta como desprezo por toda ideologia e adesão inerte a não importa que situação que perturbe o menos possível. A nível de práxis, se manifesta como um deixar se levar, como um agir praticamente automático, como imobilismo, e como tentativa de evitar toda decisão e mudança. A nível de vivência, isto se manifesta como depressão e enfado. Em suma: a morte de Deus significa a perda de todo sentido. (Flusser, 2007, p. 166)

Intrigante é notar como o desengajamento político de Bueno se contrasta com as formas de engajamento de Flusser. E talvez uma das maiores contribuições do estudo dessa correspondência seja justamente essa: o entendimento de engajamento que, para Flusser, correlaciona política, religiosidade e comunicação. A partir de suas discussões sobre o mundo em que habitavam, fica mais claro como o próprio Flusser se inserir e via a si mesmo nas dicotomias do jogo política da década de 70.

## CULTURA COMO TAREFA

Vilém Flusser deixa o Brasil em 1972 e volta a morar na Europa, inicialmente na Itália. A partir desse período, passa a ter uma intensa rotina de viagens para participar em seminários e oferecer suas conferências. Por meio de cartas, mantém José Bueno atualizado de suas andanças e debate sobre os acontecimentos que lhes eram contemporâneos.

Há, porém, um aspecto de divergência entre os dois. Bueno diz não entender porque ele estaria tranquilo ao pisar em um solo “manchado de tanto crime e miséria” (Bueno, p.7, 1972). Em carta anterior, de 25 de outubro de 1972, Flusser gaba-se de que lá seu trabalho poderia finalmente ter o destaque que pretendia.

Declara, também, que seu pensamento está mais equilibrado e menos desesperado. O filósofo descreve assim o seu momento:

Há um clima patológico, (alienado), que banha todas as coisas em S. Paulo, seja eufórico, seja fossal, e este clima está se dissipando no meu pensamento. O resultado é ambíguo: ganhei maior maturidade e responsabilidade, e estou perdendo em parte os voos majestosos da fantasia. Estou ficando, ai de mim, mais 'objetivo'. O ideal será adquirir a solidez do pensar europeu sem perder a plasticidade do pensar brasileiro. (Flusser, p.4, 1972)

De todo modo, José Bueno discorda, pelo menos até esta altura, dessa visão mais pessimista de São Paulo e das questões brasileiras. Para ele, o Brasil é um reflexo pálido da cultura europeia e a adaptação da cultura ocidental em terra tropicais gera um "questionamento do destino do homem outro daquele que se propõe na Europa. Por ser outro não é pior nem melhor" (Bueno, p.8, 1972). Em outras palavras, porque deveria ser o clima da Europa melhor do que o paulistano? Para Bueno, a Europa também deve ser cobrada por sua história de crimes. Logo, Bueno se espanta como pode Flusser "portar tão tranquilamente" a cultura europeia.

Surpreendentemente, porém, Flusser não chega a discordar frontalmente do amigo, mas questiona o entendimento de cultura que Bueno tem. Flusser responde ao amigo, em carta de 4 de janeiro de 1973:

A sua tese é (se interpreto bem) a seguinte: a cultura é um dado social (o ambiente social no qual me encontro). Vivendo, vou absorvendo a cultura (o ambiente). Absorvendo a cultura, passa a ser dado psicológico meu, e deixa de ser dado social. Conclusão: absorvida a cultura, prescindindo da sociedade (Flusser, p.10, 1973).

Para Flusser, esta tese é insustentável por várias razões, das quais destacamos duas

b) A cultura é um conjunto dinâmico (histórico), e exige, para ser absorvida, que eu a acompanhe. Se o faço, acontece um fato curioso: o já absorvido é constantemente modificado (estrutura da basílica absorvida por mim muda constantemente.) De forma que a cultura continua sempre um dado externo.

c) A cultura é um conjunto dinâmico porque todos os seus participantes, (inclusive eu), e todos os que a cercam de fora a modificam constantemente. E a modificam por sua ação, mas também por sua paixão. (Por exemplo: o fato de eu ter absorvido apaixonadamente a estrutura da Basílica, muda a cultura). De forma que a cultura, embora dado externo, está em oposição dialética com aqueles aspectos seus que absorvi e que me são internos.

Conclusão: eu nunca posso 'portar tranquilamente a cultura'. Se o faço, ela deixa de sê-lo. (Flusser, p.10, 1973)

Nesta carta, Flusser escreve que cultura é "tarefa". Tarefa vem da palavra árabe *taríha*, que pode ser traduzida como "trabalho" -- por sua vez vem do radical *trh*, que quer dizer lançar ou arremessar. Trabalho pressupõe uma ação que gera transformação ou transferência de energia, e logo, gera um efeito ou um

impacto. Cultura como tarefa seria, então, como cultura aquilo que apreendemos, transformamos e lançamos de volta ao ambiente. Para compreender a cultura é preciso realizá-la. Logo, não é possível portá-la, apenas. Se perseguirmos a metáfora da gula presente na obra de Flusser (apud Baitello, 2010), também poderíamos pensar a cultura como forma de metabolização, como o conjunto de transformações que substâncias químicas sofrem no interior dos organismos vivos. Flusser escreve que “é bom pisar num chão adubado por tantas misérias [Europa] não para se sentir tranquilo, mas sim para sentir-se perturbado pela dinâmica da cultura, para questionar o destino do homem.” (Flusser, p.10, 1973)

## COMUNICAÇÃO COMO DAR SENTIDO

A cultura é tarefa, ou trabalho, no sentido de que a humanidade está imbuída por necessidade a realizar transformações, apropriações e, sobretudo, devorações que tornem a vida mais compreensível, apesar de sua absurdidade. Para Flusser, a comunicação é o artifício por meio do qual o humano opera, justamente, este trabalho, essa transformação. Por isso mesmo, o modo como Flusser se vê -- um judeu de Praga fugido para São Paulo que agora retorna à Europa, ainda na condição de um desterrado -- não pode ser de maneira alguma tranquila, porque está imerso na tarefa desconfortável de dar sentido a sua própria experiência e existência. Flusser escreve, em 17 de março de 1973, aliás, que estar na Europa é uma “posição cômoda intelectualmente, mas incômoda existencialmente” (Flusser, 1973, p. 18).

As cartas com José Bueno permitem perceber essa concepção flusseriana a partir de relatos e desabafos do filósofo, de como ele enxergava a si. Ainda em São Paulo, em 10 de novembro de 1971, Flusser escreve a Bueno em resposta de uma carta extremamente elogiosa. Meses antes, em maio, Flusser participou de um debate em Associação das Federações Israelitas em que se viu desmontando argumentos de sionistas. Bueno o agradece por defender “valores humanísticos imperecíveis, que sempre atraíram sobre os seus defensores os ódios reacionários” (Bueno, p. 2, 1971).

O filósofo responde dizendo estar contente com essa posição de defensor de valores humanísticos. Primeiro, porque se surpreende com esse título, visto que declara já estar acostumado ao papel de reacionário que lhe foi atribuído no Brasil, em sua época, muito graças à afiliação ao IBF, de onde vinham os filósofos defensores da ditadura militar no país. Em segundo lugar, porque Flusser tinha a sensação de que ao atacar o sionismo, estava atacando parte do próprio pensamento, para o qual ele afirma sentir “atrativo irracional e perigoso” (Flusser, p.3, 1971).

É um momento em que Flusser se abre de maneira íntima e releva as ambivalências de suas próprias posições políticas em meio à ditadura: “Assumi a responsabilidade pelo que me parece ser nefasto no estabelecimento [brasileiro atual], porque me identifico parcialmente com ele” (Flusser, p.5, 1971), confessa. Ele continua:

O atrativo do irracional, do emocional, do irresponsável, portanto do anti-humanístico no

sentido correto do termo, é forte. Contínuo vítima de solicitações não apenas do sionismo e do ufanismo brasileiro, mas de inúmeras outras formas de obscurantismo, algumas das quais menos obviamente nefastas. Não sou muito bem defensor da 'clara razão do dia', porque a 'obscura paixão da noite' em mim é forte. [...] Unamo-nos na tarefa difícil de combater o obscuro em nós, não negando-o, mas admitindo-o, a fim de desarmá-lo. Não será isto união que merece o nome 'amizade'? (Flusser, p.3, 1971)

Em certo ponto das trocas de correspondências de 1973, os dois desencadeiam uma discussão sobre o sentido da Basílica de S. Remo. Ela aparece como exemplo para a definição de cultura que Flusser estava a debater com o amigo. Bueno reclama de que o mundo perdera a abertura para o transcendental. A morte de Deus é, para Bueno, a morte de todo sentido. Para ele, mesmo nas condições mais precárias, para os trabalhadores que construíram a basílica, ver a obra pronta foi suficientemente recompensador, porque seu propósito era divino. Para Bueno, portanto, o sentido da cultura está no transcendente, no propósito superior dos feitos, e não no feito em si. Assim sendo, Bueno confessa ser um homem com "Nostalgia do religioso", em carta de 2 de março de 1973.

Aqui eles se diferem. Bueno está atrás do "sentido dos sentidos", algo transcendental. Flusser continua essa discussão na carta já citada de 17 de março de 1973: para Bueno, o último sentido da basílica é Deus, e se este sentido escapa, não é possível compreender a construção. Esse é o "estar-no-mundo" de Bueno, segundo Flusser (1973, p.18). Se isso for verdade, especula o filósofo na carta, toda forma de comunicação e arte morreu. Logo, para Flusser, o sentido está em estabelecer sentido. Na liberdade de reduzir o sentido e de declarar a morte de Deus. E, para Flusser, fazer sentido é "estar-aqui-para-os-outros", declarando que a relação entre os amigos é isso: estar para o outro. "De modo que tudo o que faço passa a ter sentido: comunicar-me" (Flusser, 1973, p.18).

Em Mundo Codificado, por exemplo, Vilém Flusser oferece uma definição de Comunicação: um processo artificial, baseado em descobertas, ferramentas e instrumentos, enfim, símbolos organizados em códigos (2007b, p. 89). Ele continua:

O objetivo da comunicação humana é nos fazer esquecer desse contexto insignificante [da natureza sem significado] em que nos encontramos -- completamente sozinhos e incomunicáveis --. ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte [...]. A comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte. (Flusser, 2007b, p. 90)

A comunicação humana se dá, então, como um véu, nas formas da arte, da ciência, da filosofia ou da religião, ao redor de nós, e tecido com pontos mais e mais apertados para que esqueçamos o conhecimento



da completa falta de sentido da vida -- ou do fato da morte. O homem se comunica com outros pelo fato de precisar dar sentido à sua existência.

## RELIGIOSIDADE COMO ABERTURA AO TRANSCENDENTE

Mas a compreensão de comunicação para Flusser ainda permanece incompleta sem o entendimento central do tema da religiosidade em sua obra. Religião é justamente um dos assuntos recorrentes nas trocas de cartas entre o filósofo e o amigo José Bueno. Em carta de primeiro de agosto de 1973, José Bueno responde a Flusser ao convite para “estar-aqui-para os outros” de forma contundente: o outro não lhe basta. O advogado declara ser “desgraçadamente menos livre” (Bueno, 1973, p. 24) que Flusser. Isso porque, para ele, o homem é um “produto espúrio da natureza, joguete de forças desconhecidas”. Ele declara que Deus lhe faz falta e ele não achou meios de substituí-lo eficientemente. “O outro, o meu semelhante, feito minha imagem, com a mesma precária composição, não me basta” (Bueno, 1973, p. 24).

A essas inquietações, Flusser responde em carta de 7 de agosto do mesmo ano. Para ele, o que Bueno afirma precisa ser refutado. Flusser argumenta que, se somos produtos espúrios da natureza, e continuamos agindo mesmo assim para mudá-la, é porque vemos sentido no nosso ato. Flusser continua: “Agir pressupõe dois fatores: a) que a realidade não é como deve ser e b) que sabemos aproximadamente como deve ser” (Flusser, 1973, p. 20). Ora, se continuamos agindo é porque, para ele, esses dois fatores são reconhecidos na nossa prática, ainda que recusemos na teoria.

Em suma: Deus pode estar perfeitamente morto na teoria, (isto é: no nosso conhecimento, na nossa vivência do mundo, e inclusive na nossa autocompreensão), mas está perfeitamente vivo na nossa práxis (já que sem Ele não haveria praxis). Se Deus te faz falta (e a mim também), isso se manifesta não tanto na nossa práxis, quanto na nossa incapacidade de ligarmos a práxis com a teoria, (inclusive com a nossa vivência e coma compreensão que temos de nós mesmos. [...])

Deus morreu o suficiente para não mais compreendermos por que estamos fazendo o que estamos fazendo, e que somos nós os que estamos fazendo o que estamos fazendo, mas não morreu o suficiente para deixarmos de fazer o que estamos fazendo. (Flusser, 1973, p.20-21)

Na carta anterior, de janeiro de 1973, a mesma em que Flusser define cultura como tarefa, ele também esclarece: “Não creio que o espaço transcendente se tenha fechado. Apenas atualmente tal espaço não está ocupado por Deus, ou pelos ideais, ou pela matemática, mas está vazio” (Flusser, 1973, p. 10). A tarefa, portanto, seria a de buscar preencher esse vazio. De fazer sentido. Uma tarefa da comunicação.

É nesse momento em que podemos perceber nas trocas de cartas como no pensamento flusseriano comunicação e religiosidade se relacionam. Mas, obviamente, as cartas sozinhas não bastam para isso. Em *Da Religiosidade* (1967), obra anterior à troca de cartas mencionada, Flusser define a questão assim:

Chamarei de religiosidade a nossa capacidade para captar a dimensão sacra do mundo [...] A capacidade religiosa torna profundo o mundo, opacas as coisas (porque nunca são inteiramente explicáveis) e torna problemática a morte. [...] Essa capacidade revela o mundo e a nossa vida dentro dele como realidade significativa, isto é, como realidade que aponta para fora de si mesma (Flusser, 1967, p. 12)

A religiosidade para Flusser, portanto, se dá como toda forma de abertura ao transcendente, ainda que não seja necessariamente por via das religiões. Ele também trata a religiosidade como forma de “superação do Eu e sua diluição na imensidão do sacro” (Flusser, 1967, p. 12). É essa a nostalgia José Bueno: de algo que dê significado para a vida sem sentido. Flusser também sente essa falta, como está na carta, e como pode-se perceber em *Da Religiosidade*. Na obra, ele define a época das tecnologias como “religiosamente pobre”, o que gera o “desvio do ardor religioso da dimensão sacra para a profanidade chata do mundo e resulta em pseudo-religiosidades como o endeusamento do dinheiro ou do Estado” (Flusser, 1967, p. 13). Seria o mesmo que afirmar que o espaço vazio do transcendente abre deixas para toda sorte de relações rasas que tentam dar significado para a vida. A nossa época, portanto, é definida por uma desesperada busca por sentido.

Essa posição mais engajada de Flusser fica mais clara em uma comparação que ele faz de si próprio com Erasmo de Roterdã<sup>1</sup> que se dá em carta de 25 de outubro de 1972. Flusser indaga-se: como viver dignamente nesta situação? A “situação” a que se refere é tanto a de ser um europeu-brasileiro de volta à Europa, mas também o fato de que diante do “do aburguesamento massificador do proletariado, os movimentos de contestação são meros epifenômenos inócuos e desprezíveis” (Flusser, 1972, p. 6). Qual seria a solução para um impasse tão contraditórios? “Ser uma espécie de Erasmo em miniatura?” (Flusser, 1972, p. 6), ele pergunta. “Tentar ser Erasmo não obstante, justamente porque não tem mais sentido conquistar, ou pregar, ou inventar, ou descobrir algo. Porque embora vencido por Lutero, Erasmo continua vivo [...]” (Flusser, 1972, p. 6).

## POLÍTICA COMO ENGAJAMENTO

Enfim, a perspectiva flusseriana para a política pode ser alcançada a partir da compreensão da comunicação e da religiosidade. Essa relação fica mais evidente com a correspondências, mas está presente na obra *Comunicologia*, no qual Flusser escreve: “Defini política como o método graças o qual as informações são transmitidas, em princípio de geração em geração” (Flusser, 2015, p. 200). Mais adiante, ele continua: “a política existe para que aquilo que é elaborado no espaço privado esteja disponível no público” (Flusser, 2015, p. 201).

<sup>1</sup> Erasmo de Roterdã (1466-1536) foi um teólogo que buscou libertar os métodos da Escolástica da rigidez medieval. Mas nunca rompeu totalmente com as tradições católicas. Ele era pregador da retidão e de que era preciso liberar a Europa das relações promíscuas entre Igreja e Estado, mas nunca aderiu à Reforma Protestante. Trocava cartas, porém, com Lutero, e era por ele muito respeitado. Aparentemente contraditório, Erasmo, todavia, considerava-se líder de um movimento pela sabedoria pura. Ou seja, sua tese era, para ele, absolutamente uniforme. Portanto não se posicionava contundentemente pró ou contra a Reforma ou a qualquer outra doutrina que não fosse convergente com suas posições.



A relação entre comunicação e política, então, fica evidente: o humano se torna animal político porque precisa compartilhar publicamente aquilo que é elaborado de maneira privada, tendo como objetivo o estar-aqui-para-os-outros. Embora pareça simples, essa concepção esconde uma inversão radical: Flusser coloca a comunicação como superestrutura da política, e não o contrário. São os modos de comunicar que condicionam os modelos políticos.

Ora, se a tarefa da comunicação é buscar sentido, não seria ousado dizer que a política faz parte do véu que atribui significados à vida. No caso da política, para Flusser, o sentido que se atribui é da autoridade (Flusser, 2015, p. 202) que é dada ao policial (sinônimo de político) cuja função é a de regular o tráfego de informações entre o público e o privado. Mas a existência do policial é em si contraditória. Porque se o sentido de autoridade é sólido o suficiente, ele não precisaria de um poder executivo. Se o Estado precisa de polícia, é porque o Estado já não tem autoridade (Flusser, 2015, p. 171).

A política aparece como uma das formas de buscar preencher aquele espaço vazio do transcendental. Mas, por conta de sua contradição inerente, sempre o faz de maneira deficiente. No vácuo da autoridade que se forma, entram as mídias (Flusser, 2015, p. 178). Esta reflexão de Flusser é inspirada no clássico *A obra de arte na era da reproduzibilidade técnica*, de Walter Benjamin. A interpretação flusseriana é de que o fim do autor, empreendido pela técnica -- pelas mídias -- implica também no fim da autoridade. As mídias, por sua vez, diluem as fronteiras entre público e privado, quando o teatro do rádio e da TV invade as casas para fingir serem vozes amigas, privadas, quando na verdade são vozes de conglomerados, públicas. Essa diluição é, para Flusser, o fim da política. O fim do trânsito entre público e privado. Nota-se: uma crise de comunicação é o que conduz ao fim da política.

Nas discussões que Flusser e Bueno fazem dos acontecimentos de sua época, essa difícil relação é a chave que permite compreender melhor como Flusser via o mundo ao seu redor. Sobre o caso Watergate <sup>2</sup>, por exemplo, Bueno escreve em carta de 14 de novembro de 1973 que toda a repercussão em torno de Nixon e de seus feitos não era nada além da “extravagante moral calvinista do culto às aparências”. A discussão em torno do caso para ele, teria sido extravagante, mas operava no sentido de “obturar a brecha e salvar o sistema. Nada mais”. (Bueno, 1973, p. 26). A resposta de Flusser para isso é curta e objetiva, e se dá em carta de 27 de novembro do mesmo ano. O filósofo diz que Bueno subestima o efeito do caso. Não se trata, para Flusser, da revelação da corrupção, mas do fato da corrupção como consequência “de uma usurpação do poder pelo presidente” (Flusser, 1973, p. 30). Ele fala até na preocupação de um golpe de estado nos EUA, vide a presença de general Haig<sup>3</sup> na Casa Branca. Com Watergate, “a liberdade política do mundo inteiro está em jogo sob

<sup>2</sup> O caso Watergate foi um escândalo político iniciado durante a campanha presidencial dos Estados Unidos, em que o republicano Richard Nixon (1913-1994) concorria pela reeleição contra o democrata George McGovern (1922-2012). Em 18 de junho de 1972, o jornal *Washington Post* noticiou o assalto do dia anterior à sede do Comitê Nacional Democrata, no complexo Watergate. Cinco pessoas foram detidas tentando fotografar documentos e instalar aparelhos de escuta no escritório do partido democrata. Durante as investigações, descobriu-se que Nixon, já reeleito, tinha ciência da tentativa de espionagem. O seu envolvimento na ação criminosa levou a abertura de um processo de impeachment. No auge da crise, Nixon renunciou ao cargo, em 1974.

<sup>3</sup> Alexander Haig (1924-2010) foi um general do exército dos Estados Unidos, veterano da Guerra da Coreia e da Guerra do Vietnã. Teve influência política crucial durante o governo de Richard Nixon, servindo como Chefe de Gabinete da Casa Branca e, mais tarde, como Secretário de Estado sob a presidência de Ronald Reagan (1911-2004). Também comandou as forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em território europeu.

certo aspecto. E vejo preto” (Flusser, 1973, p. 30).

Junto a Watergate, Flusser via a crise do petróleo<sup>4</sup> de 1973 como episódios de grande ruptura no estabelecimento ocidental. Em carta de 11 de junho de 1974, ele expressa o receio pela crise de sentido que esses episódios acarretariam. Se a preocupação com Watergate era com a perda da autoridade, com a crise do petróleo o receio era com diagnóstico da insustentabilidade da economia de mercado altamente dependente de insumos não renováveis. Isso fica mais claro neste trecho da carta de 11 de junho de 1974:

Mas parece claro, independentemente de qualquer pessimismo deliberado, que a Terra não suportará por prazo médio a explosão demográfica, a poluição, o desenvolvimento industrial indiscriminado, e a comunicação de massa. Este o horizonte sombrio do cenário, mas apenas horizonte. (Flusser, 1974, p. 53)

Com essas crises, Flusser temia que certos fundamentos ocidentais, como o apreço à arte ou a ciência, caíssem por terra. Em carta de 18 de fevereiro de 1974, Flusser indaga: “Talvez o mundo se venha a desinteressar da ciência e arte, e passe a interessar-se por livrinhos vermelhos e ensinamentos de Khadafi <sup>5</sup>?” (Flusser, 1974, p. 46).

Se parássemos por aqui, poderíamos interpretar o Flusser das cartas como um homem conservador que teme o declínio da burguesia branca e seus valores. De fato, a leitura da política pela chave da religiosidade, ou a falta dela, conduz Flusser a um pensamento retrógrado. Ele próprio assume essa atração para o que chama de obscura paixão da noite, como visto nas primeiras cartas que trocou com José Bueno entre 1971 e 1972. Para ele, todavia, Watergate e a crise do petróleo seriam os episódios derradeiros de um mundo ocidental que inviabilizou a si próprio, e abre espaço para proto-religiosidades perigosas, como ele sugere com a menção a Khadafi. Se nos ativéssemos a leitura de um Flusser retrógrado politicamente, porém, estaríamos esquecendo do impacto da frase “De modo que tudo o que faço passa a ter sentido: comunicar-me” (Flusser, 1973, p.18).

Se o fim da política se dá por condições de comunicação adversas, que dificultam a construção de novas respostas para o mundo caótico que se anunciava, é pela comunicação também que Flusser acreditava ser possível reinventar o mundo e o humano. Aparece nas cartas, portanto, uma face do filósofo que não é

facilmente perceptível nas demais obras. Um Flusser engajado e imbuído da tarefa de desarmar o obscuro em

4 A crise petrolífera de 1973 teve início em outubro daquele ano quando os membros da Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (OPAEP) proclamaram um embargo petrolífero contra os Estados Unidos, Canadá, Japão, Holanda, Reino Unido, Portugal, Rodésia e a África do Sul. O estopim da crise foi a Guerra do Yom Kipur, ocorrida entre 6 e 26 de outubro. Uma aliança de países árabes liderados pelo Egito e Síria cruzaram a linha de cessar-fogo na região do Sinai e das colinas de Golã, territórios capturados por Israel, em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias. As nações citadas apoiaram Israel, o que levou ao embargo dos países exportadores de petróleo. Até o fim da crise, o preço do barril do petróleo partiu de \$3 para \$12, causando um choque na economia global, altamente dependente de combustíveis fósseis.

5 Muammar al-Gaddafi (1942-2011) foi o ditador da Líbia entre 2009 e 2011. Flusser faz referência a sua chamada Terceira Teoria Internacional, publicada com o título de Livro Verde. Gaddafi defendia uma alternativa que buscava aliar a economia de mercado capitalista e o comunismo. Era uma proposta de social-nacionalismo de unificação dos países árabes, em um sonho de estado único, que convergia aspectos culturais, econômicos, religiosos e políticos em sua proposta.

si. Para Flusser, na sua relação com Bueno, talvez isso pudesse ter ainda um outro nome: amizade.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, N. A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

FLUSSER, V. Da regiliosidade. São Paulo: Cec/CI, 1967.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1987.

FLUSSER, V. Fenomenologia do Brasileiro: Em Busca de um Novo Homem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

FLUSSER, V. Bodenlos: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007a.

FLUSSER, V. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FLUSSER, V. Comunicologia: reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

## Correspondências

Bueno, J.. Correspondência a Vilém Flusser. 09 de novembro de 1971, p. 2. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: < [http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/? http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=926page\\_id=926](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

Bueno, J.. Correspondência a Vilém Flusser. 20 de dezembro de 1972, p. 7. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: < [http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/? http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=926page\\_id=926](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

Bueno, J.. Correspondência a Vilém Flusser. 02 de março de 1973, p. 13-16. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: < [http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/? http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=926page\\_id=926](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

Bueno, J.. Correspondência a Vilém Flusser. 01 de agosto de 1973, p. 22-25. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=926](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

Bueno, J.. Correspondência a Vilém Flusser. 14 de novembro de 1973, p. 26-29. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=926](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 10 de novembro de 1971, p. 3. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 25 de outubro de 1972, p. 4. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 4 de janeiro de 1973, p. 10-12. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 17 de março de 1973, p. 17-18. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 7 de agosto de 1973, p. 20-21. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 27 de novembro de 1973, p. 30-31. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 8 de janeiro de 1974, p. 41. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE

BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 18 de fevereiro de 1974, p. 45-46. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.

FLUSSER, Vilém. Correspondência a José Bueno. 11 de junho de 1974, p. 52-54. Cor\_17\_6-BUENO\_3125\_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=888](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=888)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2020.